



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IRVAN AUGUSTO CÓ

**AMÍLCAR CABRAL E PAULO FREIRE: UM DIÁLOGO SOBRE
DESCOLONIZAÇÃO E LINGUAGEM**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

IRVAN AUGUSTO CÓ

**AMÍLCAR CABRAL E PAULO FREIRE: UM DIÁLOGO SOBRE
DESCOLONIZAÇÃO E LINGUAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Marcos Carvalho Lopes

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

IRVAN AUGUSTO CÓ

**AMÍLCAR CABRAL E PAULO FREIRE: UM DIÁLOGO SOBRE
DESCOLONIZAÇÃO E LINGUAGEM**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 18/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Marcos Carvalho Lopes (Orientador)

Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Carlindo Fausto Antônio (Examinador)

Doutorado em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2005) efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.

Paulo Sergio de Proença (Examinador)

Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo, Brasil (2011)

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	5
2	TEMA	8
2.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	8
3	PROBLEMA DE PESQUISA	8
4	OBJETIVOS	8
4.1	GERAL	8
4.2	ESPECÍFICOS	8
5	HIPÓTESES	9
6	EMBASAMENTO TEÓRICO	9
6.1	AMILCAR CABRAL E A REVOLUÇÃO	9
6.2	PAULO FREIRE E A REVOLUÇÃO	12
6.3	PAULO FREIRE NA ÁFRICA	13
6.4	A ÁFRICA E A RADICALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE	14
6.5	A CONFUSÃO ENTRE LÍNGUA E LINGUAGEM	15
6.6	LINGUAGEM, CULTURA E PODER	16
7	METODOLOGIA	17
8	CRONOGRAMAS	18
9	RESULTADOS ESPERADOS	21
	REFERÊNCIAS	22
	APÊNDICE	23

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa tem como objetivo abordar o processo de descolonização das mentes que Amílcar Cabral e Paulo Freire defendem para a Guiné-Bissau. As duas figuras diante das metas que buscaram alcançar não se entenderam em tudo, e a questão da língua foi um dos assuntos que mereceu destaque nas suas controvérsias. Cabral foi um dos opositores do regime colonial, e neste sentido defendia a independência total da Guiné-Bissau, mas diante dessa ideia a questão linguística não teve tanta relevância para ele. Afirmou que a língua é simples instrumento para os homens se comunicarem, então seria um legado positivo. Entretanto, Paulo Freire entendeu que não se pode defender a descolonização e não levar a questão linguística em muita consideração, tendo em conta que foi um dos mecanismos usados para colonizar o povo. Portanto, a colonização deve ser pensada em todos os seus detalhes. A ideia de Cabral parece ter mais aceitação porque o país já registou quarenta e quatro anos de independência e até hoje o português é a língua oficial do país, apesar de não ser a língua do cotidiano dos guineenses. Buscaremos analisar as ideias revolucionárias de Cabral e Freire na luta pela emancipação dos colonizados e oprimidos, como forma de garantir-lhes liberdade de guiar seus próprios destinos, de serem “seres para si” (FREIRE, 1987 p. 16) ou “andar com seus próprios pés e guiados pela sua própria cabeça” (CABRAL apud: LIMA e BARROS, 2017). O motivo da escolha do tema é pensar a forma como a população guineense, no meio do ideal de desenvolvimento social e cultural, pode continuar a preservar a sua autonomia em termos de autoridade semântica (a capacidade de contar e dar significado para a própria história como bissau-guineense).

Para pensar a descolonização é preciso compreender os procedimentos da colonização. Isto é, durante o processo de colonização o esforço dos colonizadores baseava-se principalmente na aculturação do povo como uma forma de efetivar a sua dominação, porque introduzindo uma nova cultura os nativos perdem a autenticidade da forma de vida antiga e começa a adquirir uma nova e alienada forma de vida. Segundo João Henriques no livro **Racismo em português** (2017, p. 76) “um dos aspetos do colonialismo é despír pessoas completamente”. Neste sentido criaram categorias para controlar o povo autóctone.

Um exemplo disso foi o estatuto do indigenato uma lei que estabelecia regras para quem podia ou não ser um cidadão. Para ser cidadão era necessário: saber falar português corretamente, comer com garfo e talher, ter um emprego, abandonar usos e costumes da tradição africana, adquirir os valores e forma de vida de um cidadão europeu, e assim obter algumas vantagens da administração colonial. Deste modo, “um assimilado podia andar onde

quisesse”, enquanto que para um indígena as regras são outras, tinha que ir para administração colonial e mediante um interrogatório ter devida autorização e dias contados para qualquer lugar onde queria ir. (HENRIQUES, 2017 p. 76). Os filhos dos assimilados podiam ir à escola, e dos indígenas não tinham acesso, ou um filho de indígena podia ir à escola se mudasse o seu nome, porque não era permitido ter um nome tipicamente africano, nem longo. Outras diferenças relevantes estão relacionadas com as questões linguísticas, hábitos alimentares até na forma de vestir; “os que falavam português eram os mais inteligentes, os que comiam bacalhau eram os mais ricos, os que vestiam calças jeans eram os mais...” (ibid., 86). Estas narrativas que os europeus passaram e que alguma parte da população tomou para si, foi-se alastrando, passando a ser como uma cultura ou a forma de vida ideal. Henriques (2017. p. 94) explica que havia pais que queriam que os seus filhos fossem educados pelos assimilados como forma de aprenderem o que “era ‘suposto ser normal’, o melhor era ser ocidental – imitar, na maneira de ser e de estar, os valores dos portugueses” e “quem vai socializar a criança vai socializar dentro desses valores”. (Henriques 2017, p. 93).

Foram essas ideias e regras impostas que Cabral e Freire entenderam que o povo estava adquirindo uma forma de vida que não era sua, a persistência das ideologias acabariam por fazer o povo esquecer os seus valores culturais, e com isso, o apagamento da sua história. Por isso Cabral trabalhou na “africanização dos espíritos” (CABRAL apud ROMÃO; GADOTTI, 2012. p. 8) e Paulo Freire na “conscientização” (FREIRE apud ROMÃO; GADOTTI, 2102, p. 8), ou seja, numa forma de recontar e reviver os traços culturais e históricos que são tipicamente locais. Um exemplo da postura de Cabral foi citado por Ignatiev (1984, p. 101) o pai de nacionalidade guineense participava num evento onde autuava um conjunto congolês, em Angola, os integrantes da banda trajavam vestes tipicamente africanas, mas na altura as autoridades coloniais portuguesas proibiam este tipo de roupas para a população angolana, diante dessa situação Cabral disse “isso é que é a verdadeira África”, mostra quanta indignação tinha em assistir a progressiva alienação da população africana.

Outras motivações para este trabalho, tem haver com a minha entrada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) no Brasil, quando comecei a estudar alguns aspetos relacionados ao meu próprio país, principalmente assuntos ligados a História, cultura, diversidade étnica; e isso me interessou bastante, por ter aprendido muito pouco nas escolas onde estudei na Guiné-Bissau. Isso desenvolveu a visão crítica que tenho agora sobre aquilo que foi o passado muito triste da colonização do povo guineense,

mesmo não presenciando, senti que sou fruto desse processo, pela forma como via aspetos da minha própria cultura como atrasados e ruins; também percebi a força do colonialismo através da religião me levou a reproduzir o preconceito semeado pelos europeus. Assim, tanto Amílcar Cabral como Paulo Freire criaram-me uma nova visão quando tive contato com as suas obras, particularmente a abordagem que fizeram sobre descolonização das mentes ou conscientização.

Cabral foi sempre muito especial para mim, porque desde a infância fiz parte do partido que ele criou. Fui pioneiro Abel Djassi, pseudônimo de Amílcar Cabral, está é uma organização das crianças criada pelo partido como forma de crescer o espírito de nacionalismo na vida destes menores. Como pioneiro aprendi um pouco das Histórias ligadas ao país, principalmente da heroica vitória dos combatentes guineenses sobre as forças coloniais portuguesas (ou seja, o contato que teve com a história de Guiné-Bissau, foi em instituições informais). E já na idade de juventude, ingressei nas fileiras de Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC), que é uma fase posterior dos pioneiros. Atualmente faço parte dessa organização juvenil do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Em termos acadêmicos, o tema do nosso trabalho é convergente com a proposta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no sentido de pensar numa sociedade mais justa, que prima pela valorização da vida humana e lutar pela igualdade social. Por outro lado, a questão do debate entre Amílcar Cabral e Paulo Freire não se encerra apenas na história ligada a África e a descolonização das mentes, mas ajuda a criar outra visão, que permite entender o passado e capacita a construir um futuro mais onde impere a justiça social.

Em termos sociais, entende-se que todo o ser humano precisa de liberdade de expressão e decidir sobre os assuntos relativos à sua vida política, social, cultural e etc. sem intromissão de outras pessoas ou forças. Entendemos que a colonização foi um regime que era oposto a esses valores, e lutava, sobretudo para silenciar os colonizados como forma de dominá-los. Portanto, pensa-se na descolonização como forma de dar voz aos oprimidos e colonizados.

Cientificamente o nossa de pesquisa tem pouca bibliografia em português que trate sobre a temática da descolonização das mentes e da questão da linguagem, pelo que queremos dar a nossa contribuição com esse trabalho como forma de refletir sobre o trabalho de Amílcar Cabral e Paulo Freire.

2 TEMA

Amílcar Cabral e Paulo Freire: Um diálogo sobre a descolonização e linguagem

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Pesquisar sobre o processo de descolonização das mentes e linguagem (sobre a adoção do português na Guiné-Bissau independente) destacar algumas aproximações e distanciamento entre Cabral e Freire.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Investigaremos como a linguagem pode afetar o processo de descolonização das mentes, contrapondo as perspectivas de Amílcar Cabral e Paulo Freire. Procuramos lidar com a questão: o uso da língua do colonizador não inviabiliza a descolonização das mentes?

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

- Investigar as concepções, divergências e aproximações de Amílcar Cabral e Paulo Freire sobre a questão da descolonização das mentes e o uso da linguagem do colonizador em Guiné-Bissau.

4.2 ESPECÍFICOS

- Entender as concepções de linguagem e descolonização de Amílcar Cabral;
- Compreender as concepções de linguagem e descolonização de Paulo Freire; e
- Analisar as divergências de concepções de linguagem (como instrumento de comunicação ou/e transmissão de valores e forma de vida) Amílcar Cabral e Paulo Freire.

5 HIPÓTESES

Investigar como a concepção de descolonização das mentes de Amílcar Cabral apropriada e redescrita influencia a obra de Paulo Freire. Investigar se as divergências de Cabral e Freire são resultado de concepções de linguagem e objetivos distintos.

6 EMBASAMENTO TEÓRICO

6.1 AMILCAR CABRAL E A REVOLUÇÃO

Romão (2012) entende a revolução como a transformação estrutural de uma certa realidade ou concepção, apresentando algumas características específicas para que ela não seja confundida com a “reforma, com mudanças episódicas ou conjunturais, sem alterar [...] ou substituir os fundamentos de uma determinada realidade ou pensamento que foi sobre ele elaborado ou instruído”. Baseando nisso, pode-se dizer que Cabral estava certo por ter preferido enfrentar a ditadura colonial para lutar pela emancipação dos guineenses e dos caboverdianos, porque a realidade o justificava, por entender que, a dominação imperialista era violenta e somente por meio de violência é que podia ser combatido (CABRAL, 1976, p. 1976, 45). Assim sendo, usou todos os meios ao seu dispor para concretizar esse projeto. Uma primeira característica foi o uso da literatura para trazer reflexões sobre os temas relacionados à luta para independência (através da poesia que ele escreveu para influenciar as pessoas) (ROMÃO, 2012, p. 23). E a segunda característica da “consciência revolucionária”, que “é a admissão do princípio do sujeito transindividual da criação econômica, política, social, científica, artística, religiosa”. (ibid., p. 24). Isso é, a revolução só será possível com a participação da coletividade. Segundo Romão, Cabral entendia que essa luta era mais ampla, não cingindo apenas contra o colonialismo, mas englobando o imperialismo, porque como Portugal era dependente de outras potências, isso implica que, se o imperialismo fosse derrotado Portugal não resistiria. Por outro lado, fez questão de esclarecer que a luta não era contra o povo português, mas contra o colonialismo português. (CABRAL apud ROMÃO, 2012, p. 26-27). Falou isso porque na mesma altura o povo português estava lutando contra o fascismo, que foi um sistema de ditadura. Assim sendo, sustentou que a luta contra o imperialismo capitalista não era a mesma coisa que a luta contra o fascismo, porque o sistema de ditadura nas colônias podia continuar se o fascismo fosse vencido, mas não podia ser o

contrário, ou melhor, o colonialismo continuaria mesmo se acabasse ditadura em Portugal. Porque o fascismo é um sistema de ditadura atrelado ao capitalismo. Romão (2012, p. 29) sublinhou ainda que a contribuição de Cabral não ficou somente dentro de fronteiras dos dois países, mas contribuiu na reflexão e na práxis revolucionário além-fronteiras. Essa luta revolucionária que Cabral estava levando a cabo não focalizava essencialmente no combate a violência física ou na exploração, mas a questão cultural teve peso de destaque. E pode-se entender a cultura como um “conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização” (idem, p. 29). E no universo cultural podem-se destacar as seguintes atividades e manifestações: “música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social” (ibidem, p. 29). Entretanto, são esses conjuntos de valores que Cabral estava determinado a proteger. O pai de nacionalidade guineense observava o fato de que a cultura “é a vigorosa manifestação no plano ideológico ou idealista da realidade física e histórica de uma sociedade dominada”. (CABRAL, 1976, p. 3). Neste sentido, a sua preservação era relevante. Por isso Cabral afirma que era imprescindível mudar a realidade cultural, para não se continuar aculturando. (CABRAL, p. 38. Unidade e luta). Para Patrícia Villen, a cultura tinha uma importância capital para Cabral, tendo em conta a sua marca na história de um povo, por isso não separava a cultura da história, pelo fato da cultura fazer parte da organização social de uma sociedade.

A cultura, sejam quais forem as características ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é assim um elemento essencial da história de um povo. É talvez, a resultante dessa história como uma flor é a resultante duma planta. Como a história, ou porque é a história, a cultura tem como base material o nível das forças produtivas e o modo de produção. Mergulha as suas raízes no húmus da realidade material do meio em que se desenvolve e reflete a natureza orgânica da sociedade, podendo ser mais ou menos influenciada por fatores externos. Se a história permite conhecer a natureza e a extensão dos conflitos [...] que caracterizam a evolução de uma sociedade, a cultura permite conhecer quais foram as sínteses dinâmicas elaboradas e fixas da pela consciência social para a solução desses conflitos, em cada etapa da evolução dessa mesma sociedade, em busca de sobrevivência e progresso. (CABRAL apud VILLEN, 2013, p. 164).

Apesar de muita luta dos colonizadores para liquidar a cultura dos povos autóctones, essa ideia não conseguiu atingir a maior parte da população, devido a pouca penetração dos portugueses no interior do país e também por muita resistência dos indígenas, como afirmou Henriques (2017, 79) que “a colonização não chegou a todo o território do país, o interior ‘teve contato com a população branca muito tarde’”. Além de grande interesse que Cabral e

Freire tiveram em relação à cultura, a educação foi também uma das áreas que os dois levaram muito interesse em refletir, por razões de ser uma das áreas em que os colonos mais atuaram para desfrancizar os nativos. E Cabral é tido como um pedagogo não por ser essa a sua área de formação, ele era agrônomo, mas pela forma como ele ensina a revolução: seria então um pedagogo da revolução. Segundo Paulo Ghiraldelli (2017) “Um pedagogo é aquela pessoa que lida com os meios intelectuais e técnicos que possibilitam o ensino e aprendizagem de modo ótimo”. E isso era exatamente o que Cabral fazia com guerrilheiros do PAIGC, chamava-lhes sempre atenção de terem em mente que a luta deve ser baseada na realidade, porque as ideias por mais brilhantes que podem parecer são "inúteis, se não emergem na realidade em que se vive”. (ROMÃO, 2012, p. 31). Ou por outro lado, segundo Suret-Canale e Boaben (2010, p. 243) Cabral dizia:

Lembrai-vos sempre que as pessoas não combatem por ideias, para que germinem no espírito de seja lá quem for. Eles combatem por vantagens materiais, para melhor e em paz viverem, para sentirem evoluir as suas condições de vida, para assegurar o porvir das suas crianças.

O ensino de Cabral convencia os combatentes anticoloniais a perceberem a realidade que o país estava submetido, a exploração que os colonialistas portugueses estavam praticando não tinha nada a ver com a luta ideológica, mas simplesmente para garantir o bem estar da população do seu país. Portanto, toda a revolução tem de ser assentado na realidade objetiva, porque se não tem riscos de “ser condenado ao fracasso”. (ROMÃO, 2012. P. 32). Romão destaca duas convergências entre Cabral e Freire; uma em relação a procedência da prática sobre a teoria; a sua “importância da leitura da realidade cotidiana, como forma de apreensão do conhecimento válido e legítimo” (ROMÃO, 2012, p. 32). E localistas, “no sentido de que cada transformação é genuína”. Como demonstrou Cabral:

Sabemos com efeito que a orientação (o desenvolvimento) dum fenómeno em movimento, seja qual for o seu condicionamento exterior, depende principalmente das suas características internas. Sabemos também que, no plano político, por mais bela e atraente que seja a realidade dos outros, só podemos transformar verdadeiramente a nossa própria realidade com base no seu conhecimento concreto e nos nossos esforços e sacrifícios próprios. (CABRAL, 1976, p. 73)

Cabral proferiu estas palavras na Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina em Janeiro de 1966. Pretendia com isso mostrar aos outros líderes de movimentos de lutas de outros países de que apesar dos combates serem comuns e que deve haver solidariedade, cada realidade era impar, não se podia adotar a mesma

estratégia para todos os países, até porque a “libertação nacional e a revolução social não são mercadorias de exportação. São um produto de elaboração local” (idem, 1976, p. 73,)

6.2 PAULO FREIRE E A REVOLUÇÃO

Segundo Romão (2012, p. 34) Freire não usou muito o termo revolução, mas ele a vê como um “fato histórico e não algo transcendental, conduzido por super-homens, mas sujeitos humanos, com seus limites e suas potencialidades”. Por outro lado, sua realização e concretização depende uma aliança entre bases (povo) e vanguarda (liderança). Sustentando que deve haver uma dependência entre o “basismo” e a “vanguarda” por serem “faces da mesma moeda antirrevolucionária” (ibid, p. 35). Sua obra como pedagogo e seu interesse efetivo na educação é o que lhe fez chegar a Guiné-Bissau em 1974 para colaborar com o governo local num esforço de em conjunto contribuir para a erradicação do analfabetismo, sobretudo dos adultos, no momento da sua chegada ao país o índice do analfabetismo era muito alto, mas isto não era sua maior preocupação, para ele o analfabetismo não é só do ponto de vista linguístico, mas também de falta de uma visão política da realidade.

Um povo que, apresentando um alto índice de analfabetismo, 90%, do ponto de vista linguístico, é altamente “letrado” do ponto de vista político, ao contrário de certas “comunidades” sofisticadamente letradas, mas grosseiramente “analfabetas” do ponto de vista político. (FREIRE, 1978, p. 12)

Para Romão (2012, p. 35) essa colocação Paulo Freire não desvaloriza o letramento linguístico em detrimento do político, mas a posição de Freire era de não focar simplesmente nas técnicas de alfabetização dos adultos;

Mas no estudo deles e delas enquanto a serviço de e em coerência com uma certa teoria do conhecimento posta em prática, a qual, por sua vez, deve ser fiel a uma certa opção política. Neste sentido, se a opção do educador é revolucionária e se sua prática é coerente com sua opção, à alfabetização de adultos, como ato de conhecimento, tem, no alfabetizando, um dos sujeitos deste ato. (FREIRE, 1978 p. 13)

Assim, o ato de educar pode assumir um papel revolucionário “quando é posta ao serviço de intervenções na prática, por sujeitos educadores comprometidos com transformação dos educandos em sujeitos do seu conhecimento e da sua transformação social” (ROMÃO, 2012, p. 36). Romão (2012) destaca que a possibilidade de acontecer a revolução é quando o povo toma dianteira para transformar a sua situação, comparecendo como: “autor,

pensante e livre”. A educação é uma ferramenta indispensável para essa tarefa. A revolução na realidade somente pode ser feita por aqueles que estão sob domínio dos outros, mas para que isso acontecesse deve haver uma “transformação da base material da sociedade” (idem, p. 39) porque os oprimidos hospedam “os valores, as concepções e superestrutura dominante”. (ROMÃO, 2012, p. 39). E somente quando a base material da sociedade se transforma é que se pode eliminar os traços ideológicos dominantes. Uma das razões destacadas por Freire, que Romão nos trouxe é o fato de que a revolução é necessária no sentido de “superção de ‘classe em si’ pela ‘classe para si’ portanto, da superção da consciência transitivo-ingênuo pela consciência crítica, por meio de uma ação cultural que já se superou como revolução cultural” (ROMÃO, 2012 p.40). De acordo com Romão (2012, p. 41) Amílcar Cabral e Freire foram muito lúcidos pela forma como abordam a questão da descolonização das mentes como necessário ao processo de emancipação. E como a cultura está dentro desse processo revolucionário, Freire, (2012, p. 42), fez questão de distinguir a “ação cultural” da “revolução cultural”, esclarecendo que, o primeiro se realiza em “oposição às classes dominantes, é o segundo se dá com a revolução no poder”. Sublinhou ainda que, o processo de conscientização como a revolução tem caráter permanente. Destacando também o papel da educação na revolução, chamando atenção, no sentido de que ela (educação) não pode ser desenvolvida pela classe dominante, porque ela só ocorre em um processo revolucionário. (FREIRE apud ROMÃO 2012, p. 44).

6.3 PAULO FREIRE NA ÁFRICA

Moacir Gadotti nos lembra que Paulo Freire iniciou as suas viagens para África na década de 1970, com o objetivo de assessorar algumas países que naquele período se libertaram da colonização europeia, “cooperando na implementação do ensino pós-colonial” (2012 p. 55). Foi no quadro de Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas nos finais do ano de 1971 que efetuou a sua primeira visita, estando ainda no exílio. Os primeiros países onde ele chegou foi Zâmbia e Tanzânia, mas o primeiro o país onde registrou o primeiro *encontro* com África foi Guiné-Bissau (FIGUEIREDO, 2010, p. 123). Na Tanzânia trabalhou em conjunto com grupos engajados em movimentos de libertação e colaborou na campanha de alfabetização. E foi nesta altura que muitos países estavam engajados no processo de “descolonização e reconstrução nacional” uma política que se baseava no princípio da “autodeterminação, tendo como principio politico filosófico o resgate da autoconfiança e na valorização da sua cultura e da sua história”. (ibid. p. 56). Para Gadotti,

Freire teve sempre curiosidade em aprender, portanto, buscou entender a cultura africana em contato com a população e intelectuais. Tudo que aprendeu serviu-lhe mais tarde como inspiração para desenvolver sua teoria “emancipadora da educação”. Ligada “ao ato político, ato produtivo e ato do conhecimento”. (ibid. p. 56). Gadotti explica que por todas as experiências que acumulou no processo de alfabetização Freire concluiu que era importante associar processo de alfabetização e processo produtivo, e também de “pós-alfabetização” como forma de continuar com o processo educativo.

6.4 A ÁFRICA E A RADICALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Durante o seu périplo ao continente africano, as experiências vividas criou uma nova forma no seu pensamento político-pedagógico, porque dantes o seu foco era pensar a alfabetização como ato político em busca da conscientização, agora levando em conta o até o trabalho produtivo de reconstrução como processo produtivo do país, de acordo com Gadotti (2012, p. 58) a experiência africana de Freire fez perceber a “importância do associativo e do produtivo no processo de alfabetização dos adultos, [...] para ele não existia diferença entre o trabalho intelectual do manual”. A vivência em Moçambique foi também determinante na mudança do pensamento político pedagógico de Freire, sublinhando que aprendeu com este povo “sobre a importância do econômico, a importância de compreender o que significa a produção”. (MOACIR 2012; FREIRE; FAUNDEZ, 2013). A Tanzânia foi outro país que teve muito significado na vida de Freire porque aprendeu a trabalhar dentro de visão socialista: “a experiência de Tanzânia ofereceu a Freire a oportunidade de trabalhar dentro do experimento socialista com um plano centralizado, com um partido socialista revolucionário, e um substantivo interesse em educação de adultos” (TORRES, apud MOACIR, 2012, p. 59). Mas também de acordo com Gadotti a sua visão democrática sofreu resistência por parte de alguns dirigentes tanzanianos, “pelas contradições vividas no próprio socialismo tanzaniano, no que se refere a política de alfabetização” (FAUNDEZ apud MOACIR, 2012, p 59). As campanhas de alfabetização em África tinham um viés político virado para a criação da identidade nacional e a transformação social, esse plano educativo visava principalmente transformar o sistema herdado do colonialismo, que era apenas para formar a “pequena elite,” não só com o pensamento personalista, mas sem uma formação que pudesse corresponder com as “reais necessidades do país”. (OLIVEIRA, OLIVEIRA apud MOACIR, 2012, p. 60). A nova proposta de educação incentivava “o trabalho produtivo, à participação política e à gestão democrática na escola” (ibid., p. 60).

Freire identificou-se com a África ao ponto de afirmar que já não sentia como quem chegava, mas como quem voltava (FREIRE, 1978, p. 9). Gadotti (2012) afirma que é um reencontro que Paulo teve com a sua própria história.

6.5 A CONFUSÃO ENTRE LÍNGUA E LINGUAGEM

Paulo Freire foi para a Guiné-Bissau no quadro do Instituto de Ação Cultural (IDAC) e esteve lá por duas vezes para as campanhas de alfabetização (FAUNDEZ apud MOACIR, 2012, p. 68). Para Gadotti (2012, p. 68) o maior desafio era da escolha da língua de “ensino-aprendizagem”, se iria ser português ou línguas locais? Segundo Gadotti essa indecisão está vinculada a escolha de Cabral, ao preferir o português como língua nacional em detrimento das outras, mesmo sendo o crioulo a língua falada pela maioria da população. Segundo Freire a ideia de que a reafricanização das mentes não devia ser feita na mesma língua que as desafricanizou; a língua não está desvinculada da colonização, ou seja, reproduzia os valores colonialistas. (ibid., p. 69). Para Gadotti as palavras proferidas por Cabral dizendo que,

o português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros: é um instrumento, um meio para falar para exprimir as realidades da vida e do mundo (CABRAL apud MOACIR, 2012, p. 69)

Eram indefensáveis. Por isso Freire afirma que Cabral não percebeu a natureza ideológica da linguagem. E está é uma afirmação que jamais pode aceitar (FREIRE; FAUNDEZ, 2013, p. 108, 109). Freire buscava justificativas para saber em que contexto Cabral teria dito estas palavras. Uma das respostas foi da viúva de Cabral que salientou que as palavras do ex-marido deveriam ser entendidas no contexto histórico e social em que foram ditas. (FREIRE, 2016, p. 139). A experiência de Paulo Freire na Guiné não foi como programado. Segundo Moacir são várias entraves para esse insucesso. Primeiro; é o fator linguístico, tendo em conta que a maioria da população não fala português, além disso, o crioulo não possui um código gráfico (GUIMARÃES; FREIRE, 2011, p. 17). Segundo são “fatores culturais, étnicas, tribais, econômicas, falta de quadros e ineficiência de aparato estatal”. Mas por outro lado Freire ficou entusiasmado, porque “ensinou o óbvio” porque ficou comprovado que não era possível fazer o ensino em português. (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 27).

6.6 LINGUAGEM, CULTURA E PODER

Freire por não ter alcançado seu objetivo, que era de alfabetizar em crioulo, que nem milagre não poderia fazer com que a alfabetização em português desse certo, porque a língua era estranha ao povo guineense. (FREIRE; FAUNDEZ, 2013, p. 85). E adiantou ainda que o desejo de pretender alfabetizar nessa língua era uma forma de estabelecer diferenças entre classes em lugar não de resolvê-las. (ibid., p. 65). Para Gadotti, o fato Freire defender sempre o uso do crioulo se baseia no fato dessa língua fazer parte da “prática social das pessoas a serem alfabetizadas” contrariamente do português que era uma língua desconhecida pela maioria. Entretanto, a escolha de Freire se opunha a escolha do partido (MOACIR, 2012, p. 76). Gadotti entende que, quando Cabral defende a ideia de cultura dizendo: “o primeiro ato de cultura que devemos fazer na nossa terra é o seguinte: unidade do nosso povo, necessidade de lutar e desenvolver em cada um de nós uma ideia nova que é o patriotismo, o amor pela nossa terra, como uma coisa só” (CABRAL apud MOACIR, 2012, p. 76). Isso repercutiu na posição do PAIGC, por entender que do ponto de vista estratégico garantiria a ideia da unidade nacional, evitava o confronto entre as línguas tradicionais, isto é, se uma fosse escolhida como língua nacional, poderia causar isolamento do país do resto do mundo. Por outro lado, se fosse levado em conta que a língua e a cultura são fenômenos intrinsecamente atrelados, portanto, não poderiam ser desassociados. Assim para Moacir (2012) “a língua portuguesa como língua do colonizador estava impregnada dos valores culturais dos colonizadores. A independência política não pode prescindir da independência cultural”. Sendo assim, a intenção de Paulo Freire é de “revalorizar as expressões culturais dos autóctones” recusados pelos colonizadores. Como escreveu Freire (1978, p. 135) os colonizadores veem sua língua como língua e dos colonizados como dialeto, sua língua era rica e superior enquanto que a língua dos colonizados era pobre e inferior.

Para Gadotti (2012) a Guiné-Bissau é um país constituído por diversas línguas, diversas culturas, e deve-se valorizá-las em seu conjunto ao promover uma unidade cultural nacional. Observa ainda que, a diversidade cultural é uma riqueza e não uma deficiência. Nesse sentido, os materiais escolares devem ser diversificados no seu conteúdo como forma de valorizar a “diversidade cultural” e “unidade cultural”.

No ponto de vista de Gadotti (2012) “a linguagem tem tudo a ver com o poder”. E como ela representa o poder, pode ter e tem a força política. Por isso a preocupação de um dominador ou um colonizador num país é impor a sua língua para os nativos, e isso constitui a violência. Para explicar a utilidade da língua, Macedo citado por Moacir (2012, p. 79) deixa

claro que: “não usamos a língua apenas para organizar e expressar ideias e experiências. A língua é uma das praticas sociais mais importantes, mediante a qual somos levados a nos sentir como sujeitos”. Daí Gadotti (2012) entende que a preocupação de Paulo Freire no seu método de alfabetização é “valorizar a fala (poder)” do alfabetizando. Por isso é importante como demonstra Paulo Freire (1978, p. 10) que os alfabetizados aprendam a dizer as suas palavras. Moacir (2012) ainda argumenta que Paulo Freire insiste na valorização da linguagem porque ela além de ser “meio de comunicação e expressão de cultura de um povo” também serve como “meio de construção de identidade de cada ser humano”. Por isso entende que o não domínio de língua remete as pessoas ao silencio.

7 METODOLOGIA

Este trabalho será desenvolvido a partir de revisão bibliográfica estudando as obras tanto de Amílcar Cabral quanto de Paulo Freire acerca de descolonização e que tratam da questão da linguagem; assim como, do trabalho do pedagogo brasileiro em diálogo com o continente africano. Procuraremos também levantar e avaliar os estudos sobre as relações entre Amílcar Cabral e Paulo Freire, sobre a influência do líder africano na obra do pedagogo brasileiro, pontos de divergência e aproximação. O trabalho tem uma direção sintética, que procura analisar cada um dos autores em sua especificidade para posteriormente tratar de modo mais adequado das suas divergências quanto ao modo de pensar a relação entre descolonização e uso da linguagem do colonizador.

8 CRONOGRAMA

Ano 1

Atividades	meses											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Revisão bibliográfica de leituras sobre descolonização e linguagem em Amílcar Cabral	X	x	x	x	x
Revisão bibliográfica de leituras sobre África em Paulo Freire									x	x	x	x
Leitura dos textos de e sobre Amílcar Cabral sobre descolonização e linguagem			x	x	x	x	x					
Fichamento das leituras sobre Amílcar Cabral				x	x	x	x	x				
Elaboração de comunicação sobre Amílcar							x	x	x	x		

Cabral, descolonizaçã o e linguagem												
Apresentação de comunicação sobre descolonizaçã o e linguagem										x	x	x

Ano 2

Atividades	meses											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Leituras sobre o debate entre Amílcar Cabral e Paulo Freire								x	x	x	x	x
Leitura dos textos de Paulo Freire sobre África	X	x	x	x								
Fichamento das leituras sobre Paulo Freire e a África		x	x	x	x							
Elaboração de comunicação sobre Paulo Freire e a			x	x	x	x						

África												
Apresentação de comunicação sobre Paulo Freire e a África						x	x	x	x			
Revisão bibliográfica do diálogo entre Paulo Freire e Amílcar Cabral							x	x	x	x		

Ano 3

Atividades	meses											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Revisão geral bibliográfica	X	x	x	x								
Análise dos resultados e revisão do projeto de pesquisa	X	x	x	x								
Elaboração final do sumário			x	x	x							
Escrita de TCC de fim de curso					x	x	x	x	x	x		
Entrega da										X	x	x

versão final do TCC e preparação para banca													
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

9 RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos que no fim deste trabalho:

- Participação em eventos a partir do final do 1º ano;
- Publicação do artigo;
- TCC

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Amílcar. **A Arma da Teoria**. Seara Nova, 1976
DISPONIVEL EM : https://www.suapesquisa.com/o_que_e/cultura.htm> ACESSO 01.11.2017.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Pedagogia de tolerância**. 5ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.
- _____. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____; FAUDEZ, António. **Por uma pedagogia de pergunta**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GHIRALDELLI, P. **O que é a Pedagogia**. 4ª ed. – São Paulo: Brasilense, 2007.
- HENRIQUES, João, G. **Racismo em Português: O Lado Esquecido do Colonialismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2017.
- IGNATIEV, Oleg. **Amílcar Cabral**. Edições Progressos. Moscovo, 1984.
- LIMA, Ready Wilson; BARROS, Miguel. **A presença de Amílcar Cabral na música RAP na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde**. Disponível: <<http://www.buala.org/pt/mukanda/a-presenca-de-amilcar-cabral-na-musica-rap-na-guine-bissau-e-em-cabo-verde>>. Acesso 11.12.2017.
- LOPES, Carlos. **Os desafios contemporâneos de África**. São Paulo: Unesp, 2012.
- ROMÃO, José E.; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes** – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- STRECK et. al. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- SURET –CANALE, Jean e ADU, B. A. **A África Ocidental in: História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Editado por MAZRUI, Ali A. WONDJI, C. 2.ed. Rev – Brasília: UNESCO, 2010.
- VILLEN, Patrícia, **A crítica de Amílcar Cabral ao Colonialismo: entre a harmonia e a contradição**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

APÊNDICE

DESCOLONIZAÇÃO DAS MENTES

Quando os europeus chegaram ao solo africano, uma das formas de dominar os povos nativos foi passar a ideia de que esses habitantes eram inferiores em quase tudo. Segundo Gadotti (2012) o discurso do colonizador é mostrar ao colonizados a inferioridade da sua cultura, neste sentido, precisa de “proteção política e da cultura ‘superior’ do colonizador”. O racismo é uma das ideias presente na pregação dos colonizadores, “o colonizador traz a ideia da superioridade racial e cultural coisifica o colonizado” (GADOTTI 2012, p. 98). Citando Fanon, na sua ideia de que a prática de colonização é “psicopatia”, assim sendo, tanto o colonizador como o colonizado são vítimas, por esse motivo ambos precisam de liberdade. Sustentou ainda que, o colonizado na sua busca de liberdade liberta o colonizador e faz com que este recupere a sua humanidade. Para isso, pensa numa “educação política que conscientiza e desfeticiza a cultura do colonizador”

A cultura é um dos temas mais importante para Cabral e a base principal da sua luta, por isso ela precisa ser defendida. Afirma que “a cultura é a verdadeira base do movimento de libertação e as únicas sociedades que podem mobilizar-se, organizar-se e lutar contra o domínio estrangeiro são as que preservam a sua cultura”. (CABRAL, 1976, p. 244). Portanto, a “luta de libertação é um ato de cultura” (ibid. p. 244). Então Cabral nos lembra da importância da cultura na vida de uma sociedade.

Em cada momento da vida de uma sociedade (aberta ou fechada), a cultura é a resultante mais ou menos consciencializada das actividades económicas e políticas, a expressão mais ou menos dinâmica do tipo de relações que prevalecem no seio dessa sociedade, por um lado, entre o homem, (considerado individual ou colectivamente) e a natureza, e, por outro, entre os indivíduos, os grupos de indivíduos, as camadas sócias ou as classes. (CABRAL, 1976, p. 223).

Cabral na sua abordagem ao colonialismo, explica que os mecanismos da dominação colonial são de perpetuar a dominação e repressão da vida cultural do colonizado e também desenvolver a alienação, e para inverter a ideologia o colonizado precisa de

uma reconversão dos espíritos — das mentalidades — para a sua verdadeira integração no movimento de libertação. Essa reconversão — reafricanização, no nosso caso — pode verificar-se a n t e s d a luta, m a s só se completa no decurso desta, no contacto quotidiano com as massas populares e na comunhão de sacrifícios que a luta exige. (CABRAL, 1976, p. 226).

Para Gadotti (2012) a posição de Cabral era de que os movimentos de libertação deviam basear a sua ação no conhecimento da cultura do povo, e para o povo era necessário

assumir a sua identidade e possibilidade de desenvolver suas potencialidades. Ao nível político, Gadotti afirma que a independência política não elimina a presença do colonizador, isto é, “continua na cultura imposta e introjetado no colonizado”. (2012, p. 101). Dai aponta o “trabalho educativo pós-colonial” como essencial para a descolonização das mentes e dos corações. Afirma que a aplicabilidade da pedagogia freiriana aponta para esse sentido, ou seja, de superar a ideologia colonial ainda presente na cultura do ex-colonizado. Salienta que como é indispensável a luta política, é necessário também lutar por uma outra educação, aquela que “liberta das traumas coloniais e que consiga descolonizar as mentes” (ibid., p. 101).